

## CONSELHEIRO

POR:

**João Duque**

PROFESSOR CATEDRÁTICO DO ISEG

# Como vivemos agora

A DIFERENÇA ENTRE ESTA E ALGUMAS DAS MUITAS CRISES ANTERIORES É QUE ESTA NÃO É UMA CRISE CÍCLICA COMO AS QUE SÃO ANUNCIADAS PELOS CICLOS ECONÓMICOS

É muito disruptiva. Conjuga cinco alterações muito profundas na nossa sociedade que mostram que está muito diferente do que era há 20 ou 30 anos. E do ponto de vista histórico, 20 ou 30 anos são um momento. É por isso que estou convencido que, quando os historiadores olharem para estes primeiros 20 anos do século XXI irão dizer que houve uma mudança estrutural profunda no pós-2020. A nossa sociedade é profundamente diferente da anterior por algumas razões:

### 1ª TECNOLOGIA DE INFORMAÇÃO

A internet na palma da mão e a ligação global que desenvolvemos era inimaginável. E agora tornámo-nos dependentes e viciados em algo que nos dá o que queremos: o contacto, a comunicação com o outro. O homem sente esta angústia da solidão. Poucos lhe conseguem resistir porque é um ser gregário que necessita do contacto. Quem o evita é considerado "doente". Se excluirmos as penas físicas que culminam com a morte, o isolamento é a pena, e a prisão, a sua aplicação em confinamento físico. O isolamento confronta-nos com a nossa mais profunda identidade e isso é insuportável para muitos. O isolamento conduz, muitas vezes à loucura. A tecnologia

da informação foi pois uma conquista que adoptámos massivamente no século XXI a níveis que, vindo a ser ainda mais desenvolvidos no futuro próximo, são já suficientes para esta sensação de efectiva rede em que todos podem estar com todos a qualquer momento.

### 2ª GLOBALIZAÇÃO DE PRODUÇÃO/CONSUMO

Especializámo-nos e afastámos a produção do consumo. Consumimos o que alguns produzem longe de nós. Isso cria um extraordinário benefício económico ao permitir ganhar escala e eficiência, reduzindo custos de produção que mais do que compensam os custos de transporte. Os baixos preços trouxeram o acesso de milhares de milhões de seres humanos a um mar de produtos e serviços que não imaginávamos possível. Esse benefício explora também os baixos salários de muitos milhões de asiáticos, sul-americanos, africanos ou mesmo europeus. E além da mão-de-obra há ainda o favorável preço baixo de recursos que apesar de escassos não beneficia os proprietários porque no fundo não os conseguem pressionar. Este movimento criou uma enorme dependência internacional. Mas será que iremos assistir a um redesenho do mapa da produção, embora com aumento de custos e menor acesso aos bens?

### 3ª MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAS E BENS

As mercadorias e matérias-primas não são as únicas a circular pelo mundo. As pessoas passaram a deslocar-se de um



modo impressionante. Em 30 anos, o número de passageiros transportados em avião no mundo passou de 954 milhões em 1988 para 4233 milhões em 2018. Isso significou a massificação e globalização do turismo, do lazer e, naturalmente, dos negócios. Além de estarmos constantemente uns com os outros por via digital, passámos a poder e a estar fisicamente de modo frequente todos com todos quando desejamos. As famílias afastam-se mas reagrupam-se quando desejam. Os modelos de sucesso estimulam a mobilidade. A educação e a cultura estimulam o acesso aos locais mais reputados. A disponibilidade e o preço favorecem o lazer nos mais dispersos pontos do mundo. Se a mobilidade por motivos de trabalho poderá ser seriamente reduzida com benefícios na produtividade e custos para as empresas, a motivada por motivos culturais e de lazer, não me parece que no longo prazo venha a ser abalada numa sociedade ainda dentro do enquadramento actual.

#### 4ª GLOBALIZAÇÃO FINANCEIRA

Desde os anos 80 que as barreiras à mobilidade do capital foram sistematicamente abolidas. Essa abolição permitiu, a par com o desenvolvimento dos serviços de comunicação e de informação, criar um verdadeiro mercado financeiro mundial. E as reacções do capital são imediatas porque o capital desmaterializou-se. Assim é fácil, ao mesmo tempo, vender e comprar qualquer instrumento financeiro ao mesmo tempo numa plataforma que funciona 24/24 horas, 365 dias

no ano. Não me parece que esta tendência venha a diminuir. Pelo contrário. Penso que os próximos passos serão dados no sentido de desmonetarizar os sistemas e fechar os “quartos” inacessíveis à lei, como off-shores ou paraísos fiscais.

#### 5ª RESILIENTE COMPARTIMENTAÇÃO POLÍTICA E JURÍDICA

Apesar de uma total mobilidade global de pessoas e recursos (bens, serviços, informação e capital) as organizações administrativas dos países e os seus regimes legais não se globalizaram. Os parlamentos e os regimes jurídicos são nacionais. Apesar dos esforços para a criação de instituições multinacionais elas perderam força. Com a excepção da União Europeia, que mesmo assim está sob ameaça, a compartimentação das leis e da organização política, leva a governos regionais com poderes locais.

Em conclusão, o mundo hoje é global e sem barreiras em termos de fluxos (pessoas, informação, bens, serviços e capital) mas é local ao nível do poder e da lei. As multinacionais são as que conseguem, ao seu nível, compatibilizar o modelo de governo com o modelo económico e social. Por isso florescem. E crescem rapidamente. As multinacionais são as que podem estender as suas regras de decisão à totalidade dos países onde estão implantadas, recebendo até regimes de excepção das jurisdições locais. O caso mais evidente é quando os seus trabalhadores deslocados para países de acolhimento, ou os seus lucros, têm um tratamento fiscal diferenciado dos locais.

Perante este quadro, quando uma crise global se instala os efeitos são globais, mas as respostas políticas e jurídicas são diferentes, criando condições para o aprofundar e prolongar das crises. Se todo o mundo tivesse realizado uma quarentena absoluta logo no início desta pandemia se, por exemplo, todas as fronteiras tivessem sido fechadas e todos nos imobilizássemos, a pandemia já teria terminado. Mas quem iria reter um italiano em casa impedindo-o de ir ao estádio ver o jogo da Juventus ou um americano para o impossibilitar de ir ver um jogo de basquete dos Bulls ou um português de ir passear à praia num domingo soalheiro? Pura fantasia. Mas já teríamos debelado o problema. Será que a ordem política internacional vai sobreviver ou assistiremos a uma compartimentação dos factores, com perda de mobilidade de pessoas, bens, serviços e informação? Dadas as diferenças culturais entre os povos do mundo e sentido o ambiente que paira no ar, parece-me que a tendência será para a compartimentação. Poderá ser por grandes blocos, mas mesmo assim uma compartimentação. ●